

EPOPEIA E VERSO, ATO E FALA: REPRESENTAÇÕES DO REI DO CANGAÇOTaís Temporim de Almeida¹

¹Graduada em História pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP. Pós-graduanda da Especialização História Cultura e Poder, da Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP. Artigo realizado sob orientação da Professora Dr^a Lourdes Madalena Gazarin Conde Feitosa e do Prof^o Dr. Roger Marcelo Martins Gomes no semestre 2/ 2017. (temporimtais@gmail.com).

RESUMO

Nome corriqueiramente associado ao cangaço brasileiro, Virgulino Ferreira da Silva, o famoso e temido Lampião, é uma das figuras mais dúbias da História brasileira. Ao mesmo tempo em que é associado ao vilão sanguinário, é concebido como o herói do povo nordestino que reage a toda situação de opressão que sofre nas mãos dos grandes proprietários e coronéis. Dessa, maneira, busca-se reconhecer e conceber as múltiplas representações da emblemática figura do Rei do Cangaço e, no decorrer dessas páginas, apresentar algumas das figuras associadas e construídas sobre Lampião e sua ambiguidade tanto na Literatura Popular nordestina, quanto na peça teatral da cearense Rachel de Queiroz, “Lampião” (1953) que apresentam algumas concepções da figura do cangaceiro e sua ação em meio a Caatinga.

Palavras-chave: Banditismo Social. Cangaço. Literatura de Cordel. Teatro. Lampião.

INTRODUÇÃO

A literatura em versos dos cordéis é reconhecida como marca característica dos nordestinos. A poesia aliada à oralidade cantada e musical dos cordelistas, expressa e multiplica as criações de fundo simbólico, artístico, linguístico, econômico, social, político e, sobretudo, histórico (GRILLO, 2013). Reprodutora de seu meio de modo particular, a poesia oral trazida pelos cantadores permite traçar, entre a narrativa dos autores populares e o espaço em que se inserem, o paralelo necessário para compreender uma dada realidade e seus acontecimentos. Desse modo, o uso de cordéis se mostra uma rica fonte de observação para a discussão de determinados aspectos sociais.

A partir desse pressuposto, a Literatura pode ser interpretada como documento histórico quando se norteia o olhar de modo a conferir que os autores dessas palavras são sujeitos de seu tempo e seu espaço, produtores que agem sob grande e incessante influência do que lhes cerca, o que garante inspiração e ricas analogias de seu tempo ao permitir “guardar memórias da vida cotidiana” (BARRROS, 2006 apud TEIXEIRA, 2008, p. 44). Desse modo, sob essa perspectiva, permite-se notar as amplas possibilidades de conhecimento e estudo cabíveis quando se une Literatura e História. Como diz Pereira (2015), vale ressaltar que a Literatura de Cordel assume função social de:

registro, de pertencimento, de identidade, pois, gera uma resposta às necessidades que o passado e, por extensão, a memória necessita. Sem memória, o povo perde o referencial de quem é, apaga-se a ideia de outro, gera vazio do presente e o apagamento do futuro (PEREIRA, 2015, p. 115)

Visto isso, quando unidas, História e Literatura permitem conceber determinados aspectos de certas realidades e momentos, capazes de montar imagens fiéis, não plausíveis quando se restringe o olhar histórico-social a um determinado tipo de documento, distancia-se de determinados locais e, principalmente, enfoca-se apenas em um prisma dentre a infinidade de possibilidades expressas numa sociedade, e/ou alheia-se às produções de camadas sociais mais baixas, normalmente produtoras e principais leitoras da literatura de cordel.

Essa relação entre História e Literatura, como evidenciado acima, aproxima povo, memória e sua origem. Por esse motivo, objetivou-se, nesse artigo, unir as duas ciências de modo a analisar as múltiplas representações de Lampião na Literatura e na Literatura Popular. Ambas, enquanto ciências análogas unem-se com o propósito de contar um passado que ainda vive no papel ou na voz do cantador sertanejo. Mesmo objetivo de análise verificou-se quando se uniu Cangaço e Literatura Popular para concepção das múltiplas figuras de Lampião.

Queiroz (1986) correlaciona, estritamente, o fenômeno social do cangaço a uma resposta da população local à miséria, que piorava mediante as crises climáticas que traziam secas ou estiagens. Menezes (2009), por sua vez, em fala complementar, apresenta o cangaço como traço marcante do nordeste brasileiro, em que evidencia o momento histórico que esse se desenvolve, ou seja, de transição de Reino Unido à Monarquia, e posteriormente de Monarquia independente à República. Entende-se, desse modo, o Cangaço como produto de ação e reação, isto posto, explicita-se como uma ação contra um monopólio, a exploração e a desigualdade, ao mesmo tempo em que uma reação através da força e das armas da região nordeste (SOUZA; LIMA, 2013). O Cangaço, portanto, entoa a voz do sertanejo carente, sem acesso à terra e abandonado pelo sistema político vigente pela Catinga (FACÓ, 1936 apud SOUZA; LIMA, 2013).

O Cangaceiro, símbolo do homem de canga que anda pela Caatinga nordestina, “é um personagem que enraíza na história, mas que consegue se deslocar dela. Por isso se transformou em um mito.” (HEFFNER apud PRIMO; HACKMAYER; GOMES, 2007, p. 16). Mesmo significado é obviamente transferido a Lampião, o Rei do Cangaço, que ressoa no nordeste brasileiro, em vida e ainda hoje, quando concebido como herói de um povo calejado pelas adversidades. Lampião, figura emblemática, apropriado pelo imaginário popular, cinema, movimentos sociais e políticos, e também pelos versos e falas, é a figura que esse artigo busca analisar (PRIMO; HACKMAYER; GOMES, 2007). Ao elencar alguns excertos literários, buscou-se contrapor as múltiplas formas de concepção de uma mesma temática, de modo que as diversas possibilidades de leitura sejam trabalhadas como produtoras de história e memória afetiva acerca da figura de Virgulino Ferreira.

Ao unir Cangaço e Cordel em uma mesma análise, esse artigo buscou a figura do Cangaceiro, que é, ao mesmo tempo, a de vilão inimigo do Estado e a de herói de um povo. Levando em conta essa ambiguidade presente na mesma figura, ao correlacionar as muitas imagens concebidas sobre o cangaceiro mais conhecido fundiu-se Lampião, o Rei do Cangaço. Por essa razão, esse estudo escolheu como obras para embasar suas análises alguns cordéis que também trazem o principal nome associado ao Cangaço brasileiro ao centro de sua cena. É permitido notar, ao expor as obras a verificações, o cunho ideológico que cada uma dessas carrega ao ser concebida, o que torna evidente e faz com que se saliente os cuidados necessários ao se trabalhar com tal temática, e, principalmente, ao analisar o passado sob a ótica literária.

Para realização dessa difícil tarefa, foram selecionados alguns folhetos de cordel que trazem em sua temática Lampião e seus feitos. Dentre as muitas possibilidades, optou-se pelos cordéis “*A Chegada de Lampião no Inferno*”, de José Pachêco, “*Lampião, o Capitão do Cangaço*”, de Gonçalo Ferreira da Silva e “*A História Completa de Lampião e Maria*

Bonita”, de Antônio Carlos da Silva e Antônio Klevisson Viana. Ao lado dos três cordéis selecionados, foi escolhido um texto da autora cearense Rachel de Queiroz, que também leva em consideração a atuação do cangaceiro: a peça teatral “Lampião”, de 1953. Visto o amplo acervo digitalizado da Fundação Casa de Rui Barbosa e da Academia Brasileira de Literatura Cordel, outras possibilidades de obras que se destinam à figura de Lampião seriam passíveis de serem usadas nesse artigo. Entretanto, um número reduzido de obras foi selecionado a fim de que a análise a que esse artigo se dispõe seja mais detalhada e bem trabalhada, perpassando apenas algumas das múltiplas possibilidades encontradas no que concernem seus objetivos centrais.

Ao se conceber que a Literatura e seus autores são próprios de seus tempos, modos, significados e espaços permitem-se, através de amplo e aprofundado estudos, (re) conhecer e (re) conceber aspectos sociais, políticos, econômicos e históricos do período em que se despendem trabalhos de averiguação. Isto posto, o presente estudo, aliando discussões historiográficas, comparações literárias entre a peça teatral “*Lampião*” de Rachel de Queiroz e a análise de folhetos de cordel produzidos especialmente por cordelistas que desdobram seus versos sobre a região Nordeste e o personagem em questão, busca-se compor um paralelo entre as diversas e distintas imagens produzidas acerca da figura do maior símbolo e mito do cangaço brasileiro: Virgulino Ferreira, ou apenas Lampião.

NORDESTE INSURGENTE: CORDEL E CANGAÇO COMO MANIFESTAÇÃO POPULAR

A literatura popular sempre existiu, porque o povo sempre existiu (MAXADO apud REIS; VEIGA, 2012). Suporte para a literatura popular versificada que é (GRILLO, 2013), o Cordel foi elemento de ampla circulação de ideias e informações. Inicialmente dedicou-se a narração de histórias fantásticas, depois pouco a pouco cedeu espaço ao noticiário de acontecimentos. Ao abordar diversos objetos de inspiração, os quais exprimem a visão do cordelista sobre o que se passa sob seus olhos, (NASCIMENTO, 2005) seu uso se multiplica além do ritmado cantar do cordelista.

A composição dos folhetos aproxima-se de grandes epopeias, voltando-se a construção de heróis do imaginário popular (CRUZ; VEIGAS, 2012), em que, no diálogo ou narrativa, o cordelista tenta convencer o ouvinte da veracidade de sua história. Por ter essa materialidade do fato, boa aparência e bom preço, atrai grande número de pessoas (ABREU, 1993 apud CRUZ; VEIGA, 2012), que se encantam pela cantata que media público e cantador, garantindo a venda (PEREIRA, 2015).

Sua origem e desenvolvimento assemelha-se a estrutura dos países Ibéricos, isto pois, a estrutura de livretos pendurados por cordões em feiras, mercados ou festas para o cantar e a venda, tanto aqui como lá se mostram iguais (ALESSIO, 2004). Embora não seja permitido conceber a criação do folheto de cordel em solo português (TEIXEIRA, 2008), a literatura de cordel tem datação de chagada ao solo brasileiro ainda na Era Colonial, quando, no século XVI, por intermédio dos portugueses, esse tipo de literatura chega ao Brasil (GRILLO, 2013). Isto posto, segundo Barroso (2006) “[...] pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mas especificamente na região Nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito particulares.” (BARROSO apud TEIXEIRA, 2008, P. 22).

Apesar da origem em solo europeu, seja em solo ibérico, seja em outro espaço, é em terreno brasileiro que o Cordel se torna uma expressão popular que passa a desenvolver autonomia e reconhecimento de modo diferenciado do que se concebia. Em solo brasileiro, a

poesia popular atinge posições de conferido destaque quando passa a uma espécie de lazer e informação juntos. Segundo Diegues Jr. (1977 apud TEIXEIRA, 2008), o Cordel antecipava o fato, superando muitas vezes os demais veículos comunicacionais do país, o que lhe dava importância única.

Com o fluxo de migração nordestina rumo a outras regiões do país, esse meio de produção de literatura se difundiu para outros locais do país, e passou a ser objeto de estudo no Brasil e fora dele (GALVÃO, 2001 apud TEIXEIRA, 2008). Hoje, se considera um declínio das vendas dos folhetim, segundo alguns escritores ouvidos pelo trabalho de Teixeira (2008); a crucial diferença nas vendas sente-se pelo maior acesso a televisão, que passa a ser a inimiga direta do consumo de Cordéis pela população. Apesar da queda nas vendas, os livretos ainda são objeto de atenção de visitantes, leitores e estudiosos.

Outro meio de manifestação popular característico e remontado ao nordeste é o banditismo social. Segundo Hobsbawm (1975 apud MARTINS; SILVA; LIRA, 2014), o banditismo é fenômeno universal que ocorre em toda a América e está associado à reação contra as transformações ocorridas pelo advento do capitalismo. Entendido como um meio de reação dos camponeses contra a situação de opressão e pobreza, e como meio de reivindicações de melhoras na condição de vida, o Cangaço é concebido como banditismo social que se manifesta desde os primórdios da colonização portuguesa em solo brasileiro (MARTINS; SILVA; LIRA, 2014) e, principalmente, na região nordestina brasileira.

Segundo Gomes, Hackmayer e Primo (2007), em escrito especial aos 70 anos do fim do cangaço à Revista Eclético, 1877 é “pano de fundo para surgimento do cangaço” (GOMES; HACKMAYER; PRIMO, 2007, p. 17). Como resposta espontânea à situação de adversidades pelas quais o sertanejo passava, a reação veio em forma de violência, cabíveis, segundo o Estado, de punição. Roubos, sequestros, assaltos a fazendas, incêndios, entre outras ações, faziam parte da realidade cotidiana da Caatinga brasileira. Nela, surge a presença imponente de uma sombra que se esgueira pela seca vegetação com seu bando, promovendo ações características e ousadas, desafiando o poder do Estado e muitas vezes atuado com os mesmos meios da força policial da época.

Desse modo, interpretando o Cordel como uma forte de manifestação cultural nordestina, e mais tarde nacional com a migração, esse estudo embasa-se nos Cordéis visto sua grande importância cultural aos nordestinos, principalmente. Isto posto, seu emprego nesse artigo verifica-se pela busca em averiguar uma forte figura associada ao nordeste brasileiro e sua força: Lampião, amplamente usado como figura principal de muitos cordéis e um dos bandidos mais perseguidos de seu século. O Cangaço, marcado pela agressividade de ações, é compreendido como uma forma de manifestação comum à sociedade do século XIX, em que a violência era elemento costumeiro, e via-se devolvida ao Estado que excluía indivíduos pobres de participação política, acesso à terra e mantinham uma estrutura violenta por conta própria (VECHI et al., 2015).

Cordel e Cangaço entrelaçam-se em suas histórias como elementos que remetem a um povo e suas facetas. O Cordel, por seu ritmado rimar de crônicas do cotidiano nordestino, e o Cangaço, por seu ato de braveza, valentia e justiça frente à situação gritante de miséria a que esse povo sujeitava-se. Unidos por um povo, Cordel e Cangaço juntam-se mais uma vez quando o primeiro decide cantar o segundo e suas manifestações. Apesar de posicionar-se contra a visão oficial (VECHI et al., 2015), o Cordel é rica fonte de estudos e dizeres sobre um período. Visto que os Cordéis exaltam os heróis de seu cotidiano, e nesses heróis se encaixa a figura dúbia do cangaceiro Lampião. Esse artigo se presta, no desmembrar de suas páginas, a unir mais uma vez Cordel e Cangaço em sua análise da figura do Rei do Cangaço.

LAMPIÃO: MITO E SÍMBOLO DA FORÇA NORDESTINA

Virgulino Ferreira, terceiro filho de José Ferreira e de Maria Lopes, nasceu em 1898 em Vila Bela, atual município de Serra Talhada/PE, segundo consenso de alguns autores, embora cite-se imprecisamente os anos de 1898 a 1900 para seu nascimento. Descendente da família Alves Feitosa, do nordeste brasileiro, via-se no centro de disputas políticas no município desde os primeiros anos de vida. Entrou para o cangaço na segunda metade da década de 1910, aos 17 anos, quando com um truque ganhou o apelido que lhe rendeu notoriedade e ascensão no imaginário popular (GOMES; HACKMAYER; PRIMO, 2017), e ingressa no grupo de Sinhô Nogueira, jurando vingar a alma do pai, morto por uma injustiça.

Anos de incursões pelo Nordeste estão na conta de feitos do Rei Cangaço. Em quase 20 anos de atuação (VECHI et al., 2015), Dentre suas ações, Queiroz (1986) cita algumas no ano de 1926, trazidas por Frederico Pernambucano de Mello: ataque a fazenda Serra Vermelha, invasão de Algodões, Triunfo, Cabrobó, Leopoldina, corte das comunicações telegráficas de Vila Bela, ataque ao povoado de Tapera e um convite a combater a Coluna Prestes ao lado das forças Federais. Cada uma das ações trazidas pelos autores explicitam um determinado padrão em suas atuações, que envolviam valentia, rapidez e eficácia, o que lhe confere o título de lenda que o permite ser, ainda hoje, fonte de inspiração para a literatura, cinema e teatro.

Lampião era vaidoso, trabalhou na construção de sua imagem. Vaidoso que o era, “decidiu dar visibilidade a si e a seu bando por meio de entrevistas e imagens fotográficas.” (CLEMENTE apud MARTINS; SILVA; LIRA, 2014, p.2). Essa posição ia contra sua atuação enquanto cangaceiro, isto posto enquanto outros chefes do cangaço raramente deixavam-se fotografar ou ver, ele ressoava e repercutia em imagem e fama. Ao levar-se em conta que o “cangaceiro é invisível, só é visto quando quer e vê todo mundo sem ser visto” (GUEIROS, apud QUEIROZ, 1986, p. 49) a exposição de Lampião vê-se como afronta de sua atuação às volantes incapazes de prendê-lo.

Em julho 1938, em uma emboscada, Lampião e seu bando foram pegos por uma das volantes que o perseguiram. Em Angicos, fazenda em Sergipe, o Rei do Cangaço foi preso, fuzilado e degolado junto de sua Maria e seus já poucos homens, suas cabeças expostas por longo período, sendo vistas como marco do fim do Cangaço. Dessa data em diante, o nome de Virgulino deixa o campo do físico e passa a ser fundamento ao imaginário popular que se apropria de sua imagem e feitos nas mais diversas situações e possibilidades, lhe conferindo muitas homenagens e figuras.

Lampião e sua Maria
Foram mortos em Angicos
Numa grota como furna
A beira do São Francisco
Quando o casal já estava
Famoso e até rico (MAXADO, 2002 apud CRUZ; VEIGA, 2011).

Depois de morto, se foi ou não ao inferno, como conta um de seus homens a Pacheco (2001), cantador e autor do cordel “*Chegada de Lampião ao Inferno*”, ou ao Céu ter com São Pedro, como contam outros cordelistas, não se sabe ao certo. Mas a morte não impediu Lampião de ter sua vida e morte registradas pela literatura popular, pela literatura, pelo cinema e pelo teatro, ganhando espaço nas mais diversas formas de expressão artística (MENEZES, 2009). Símbolo da valentia, raça e honra do nordestino, Lampião torna-se foco de estudo desse texto, quando a partir de tal pressuposto, enfoca-se na literatura de Cordel e

na Literatura como fonte primária de estudos e averiguações das construções sociais e físicas sobre o Rei do Cangaço, nelas expressas pelo cantar e compor ritmado dos cordelistas e fala teatral.

Essas apropriações da figura de Lampião são alvo principal das análises que esse artigo se presta a fazer. Ao buscar escritos sobre a figura mítica de Lampião, busca-se encontrar as múltiplas representações que o acompanham. Ora o herói do sertanejo, que rouba aos ricos, e retira desses tudo que é excedente; ora o perigoso e inconstante bandido que pune seus inimigos e quem com ele falhar. A seguir, discorreremos sobre as representações do cangaceiro nas referidas obras selecionadas, a fim de que as representações sejam analisadas e compreendidas em sua totalidade de produto do meio e período de composição, assim como de um determinado olhar. Desmitificar e afirmar sobre a figura do cangaceiro não norteia a composição do artigo, mas sim a compreensão do uso das obras literárias como embasamento histórico para formulação da figura associada ao cangaceiro.

NEM BANDIDO, NEM HERÓI: LAMPIÃO

Lampião, aos ouvidos de quem ouve sobre seu nome e feitos, soa de diversas maneiras. Se Hobsbawm (1975) remonta suas atuações sob o adjetivo de “horrores”, quando apresenta alguns feitos do Rei do Cangaço como o assassinato de um prisioneiro, o massacre de trabalhadores, a tortura de uma senhora que havia o amaldiçoado, fazendo-a dançar com um pé de mandacaru até a morte, ou obrigar um de seus homens a comer sal até a morte (HOBBSAWM, 1975 apud MARTINS; LIRA; SILVA, 2014); há quem interprete o homem e seus atos como símbolo da força, valentia e honra do povo nordestino.

Independente de qual for a figura que seja associada a Lampião, de bandido sanguinário ou de herói de um povo, essa imagem deve ser analisada quando concebida e quanto a seus focos de concepção. Dessa maneira, seguindo as premissas de orientação desse artigo, nos deteremos à exploração de como a figura do maior Cangaceiro de todos os tempos é concebida pelos quatro autores selecionados, assim como também o meio de produção social, histórico e cultural a que esses estavam sujeitos no momento de composição dos excertos elencados.

Rachel de Queiroz é autora cearense que se dedicou à prosa durante o do século passado, ocupante da cadeira número 5 da Academia Brasileira de Letras, teve produção singular enquanto cronista, romancista e teatróloga. A composição de Queiroz correlaciona-se à terra nordestina e nesse sertão, encontra “inspiração para construir cenários, enredos e personagens que povoam o imaginário popular de seu povo e, com isso, resgatando a cultura nordestina” (ABREU, 2011, p. 119). No entanto, em nada exagera em quaisquer componentes dessa escrita, pelo contrário a faz tão próxima ao usual e cotidiano falar do sertanejo que cativa.

Ao compor em 1953 “*Lampião*”, uma de suas mais famosas obras no teatro, surpreende pela riqueza de falas e interpretações do sertão. É por esse motivo que se justifica aqui a escolha pela peça dedicada ao Cangaceiro. Essa foi escolhida, pois, compõe um foco de construção diferente do associado como habitual aos cordelistas – aqui também analisados -, oferecendo uma visão diferente sobre um mesmo assunto, fato o qual implica em variadas possibilidades de uso sobre esse, construindo múltiplas significações no que tange (re) interpretações variadas sobre a figura discutida.

O Lampião de Queiroz tem suas façanhas divididas em cinco atos que narram momentos diversos da história de Lampião pela autora criados. Dedicando-se desde o célebre e desejado encontro entre a corajosa outrora Maria Déa - agora Maria Bonita de Lampião -,

com o Cangaceiro, até o final trágico dos personagens em questão em uma gruta em Angicos. A figura de Lampião é descrita sob diversos adjetivos e entrelinhas que buscam formar sua personalidade de acordo com a perspectiva conduzida por Queiroz: ascético, sóbrio, taciturno, ciente de sua força, com muitos anéis e com a risada de cobra. Vivia sob constante vigilância, sem medo de nada pela fé ao seu corpo fechado para moléstia, chumbo, praga e mau olhado, ao mesmo tempo em que era religioso, temente a Deus e a seu padrinho Padre Cícero. Ao lado de todas as particularidades pessoais, no que tange a relação com Maria Bonita e seus homens, era também ciumento, machista a certo ponto, autoritário, desconfiado e cruel ao auge de matar os próprios companheiros por suposta traição e/ou ferir o irmão ¹ (QUEIROZ, 1953, 2015).

O ato responsável pelo encontro de Lampião e seu bando para buscar Maria Déa, produz em suas entrelinhas de diálogo corriqueiro entre marido e mulher, as características que o homem do sertão deveria possuir para ser respeitado e até mesmo temido. Se Maria afirma e critica o marido Lauro, sapateiro de profissão com vida pacata, por não as ter claramente, por outro lado admira e quase se devota a Lampião sua valentia e força. A única personagem feminina da peça vê na figura do Cangaceiro - quando longe -, esse símbolo de força, valentia e honradez. Mais adiante durante o desenvolver de seu relacionamento com o personagem central da trama reconhece marcas menos superficiais de sua personalidade, as quais são muito bem trabalhadas na construção feita por Queiroz. Como já definido, é uma figura ambígua e cheia de pormenores que o fazem único enquanto construção simbólica do personagem, todas, entretanto, remetendo à força, virilidade, quando não à agressividade e violência.

Se na Caatinga brasileira Lampião foi rei coroado agindo como bem entendesse, o que lhe rendeu fama, algum dinheiro e adjetivos, ora positivos, ora negativos quanto à sua atuação e forma de viver, também o era, segundo descrições variadas presente no discurso da autora, “miserável, bebedor de sangue inocente” ou ainda “medonho, ladrão e assassino de nascença” (QUEIROZ, 1953, 2015). Seja o herói e símbolo da força do homem sertanejo, seja o bandido, as interpretações trazidas por Queiroz constroem figura repleta de possíveis interpretações acerca do Cangaceiro, isso pois ao mesmo que é lisonjeiro com Maria, também é autoritário, agressivo e ciumento com essa. Apesar da construção levar em conta muitas lendas e falas a respeito desse, a concepção se fez no foco de Rachel de Queiroz, que o construiu sob sua ótica, espaço e meio histórico social sendo carregadas para o discurso impresso na peça.

Segundo Souza e Lima (2013), Queiroz e sua composição de “Lampião” (1953), são frutos evidentes de como o meio no qual a autora se inseria a influenciou fortemente na composição da peça e no discurso por ela passado. De acordo com as autoras, Queiroz fazia parte de uma elite cearense e propôs-se a abordar o banditismo de acordo com seu ponto de vista (SOUZA; LIMA, 2013), o que induz ao discurso da peça dado teor ideológico e particular. O roteiro da cearense dota-se de percepções, de valores e ideias da época em que é escrito, os quais se estendem sobre cada um dos personagens, seja sobre Maria Déa, a Maria Bonita, seja sobre Lampião e seus atos relatados na obra.

Permite-se notar, com base na análise do excerto teatral, que os relatos de Queiroz em muito pouco condizem com a realidade do bando de Lampião, justamente por ter sido talhado de modo alheio à realidade e muito próximo à ficção. Não obstante, apesar da concepção e formulação da autora, a figura de Lampião se sobressai sobre todas as demais presentes na

¹ Cada uma dessas características são elencadas nos cinco atos compostos por Rachel de Queiroz, ora nas falas desse ou de seus companheiros de cena, ora nas linhas da autora que descrevem seus atos.

obra, porque, como justamente ressaltou Queiroz em entrevista, a figura do cangaceiro era forte demais para que o inverso ocorresse, não permitindo, portanto, que nenhum outro ali descrito fosse mais importante, tampouco Maria Bonita, a qual inicialmente se pensou como figura com maior centralidade para mostrar a força da mulher sertaneja (ABREU, 2011).

Como nota-se no excerto da peça, Lampião é relatado como vilão, bandido sem causa que atua na ilegalidade, o que contribui para a estereotipação negativa do cangaceiro e sua atuação. Sendo o foco de composição da autora posterior à atuação real de Lampião, isso contribui para que fatos e verdades não sejam transmitidos em sua totalidade à peça. Ademais, justificando a escolha da obra de Queiroz, para contraponto dos cordéis, evidencia-se como a autora testemunha ativamente o sertão sob seus olhos e sobre sua vida, e ao colocá-lo em suas crônicas e demais escritos, aproxima de modo real e substancialmente cativante o sertanejo de sua representação. Ao não expandir mesmo cuidado com a representação associada ao posicionamento dessa sobre a figura de Lampião, tangencialmente o período de atuação do cangaceiro, por exemplo, essa peça se distancia-se dos leitores, principalmente a realidade também é deixada de lado. Não obstante, para se ler Queiroz, é necessário que um conhecimento prévio seja carregado pelo leitor, de modo que esse não perpetue ideias errôneas acerca do personagem que dá nome à obra, reconhecendo essa como mais próxima do ficcional do que do acadêmico.

O uso da literatura deve ser permeado de muito cuidado para que não seja terreno fértil ao proliferar de falas carregadas de ideologias que não permitem se reconhecer seu teor não acadêmico. De modo a contrapor as falas expressas pela Literatura, buscou-se alguns folhetos de cordel que produzem discursos com foco de produção diferente do produzido por Queiroz, a fim de evidenciar duas faces e proposições sobre uma mesma figura. Como meio de comparar, nos deteremos agora sobre alguns cordéis que se dedicam à figura de Lampião.

Ao se analisar folhetos de cordéis, assim como qualquer fonte escolhida pela historiografia, algumas dificuldades surgem como fator dificultador do trabalho de leitura histórico social. A imprecisão de alguns folhetos quanto a suas datas de produção é apenas um dos problemas que surgem do trabalho com essa fonte. Vale ressaltar também o cuidado ao conceber a relação entre realidade e cordel. Visto que a maioria dos folhetos não tem acesso a fonte segura de conhecimento (GRILLO, 2013), determinadas ponderações são necessários, uma vez que os cordelistas representam o passado e/ou presente transformando-o em fábula (TEIXEIRA, 2008), o que, segundo Alessio (2004), faz entender o Cordel como um modo de unir “outras formas de saber como teorias do senso comum.” (ALESSIO, 2004, p. 54). Ao resguardar alguma atenção necessária com essa fonte, as averiguações a seguir detalhadas tangem os focos de composição dos cordelistas, suas influências e como essas atuam na formação da figura do Rei do Cangaço.

Gonçalo Ferreira da Silva (1983, p. 4), em “*Lampião, o Capitão do Cangaço*”, ao compor um “documentário vivo da vida do Lampião, por ser uma obra feita à luz da verdade viva, mostra a face nobre, humana e até caritativa de Lampião”, propõe apresentação sobre o Rei do Cangaço e seus feitos de modo biográfico. Sob a ótica do cordelista, Lampião foi mais próximo e conhecido que Vargas, o qual apenas não é estranho ao povo nordestino, enquanto o primeiro é sem dúvidas o mais famoso da grande nação brasileira (SILVA, 1983). Em suas páginas conta sobre a união dos pais, desdobra-se pelo nascimento do mito, a suposta linhagem familiar e suas origens, os embates da família de Lampião, sua entrada ao cangaço, findando com sua morte.

A figura de Lampião, em suas linhas, apesar da centralidade nos relatos, é muito pouco evidenciada no que tange evidências narrativas, o sendo apenas em situações mais sublevadas, que narram seus feitos mais notórios e conhecidos, lhe conferem a evidência

requerida. A descrição de seu temperamento nessas situações específicas não falha: quando Silva (1983) aponta que “Virgulino tinha um gênio tão explosivo que não aplacou as chamas do seu fogo vingativo” e sua “ira de uma mão justiceira” (SILVA, 1983), nota-se a singularidade de sua personalidade e temperamento os quais se correlacionam a imagens previamente concebidas em muitas outras obras. Concomitantemente, o emblemático cangaceiro é descrito como “o nosso famigerado, destemido Lampião”, “venenosa caninana e cordeirinho domado capaz de ação humana, mas dentro de tais ações a fúria da fera insana” (SILVA, 1983) escritos esses que colocam sua figura mais uma vez sob a ótica da dubiedade que no mesmo cordel, ora descreve-o como alma boa e caritativa, ora com tais descritores negativos.

Não obstante, concepções do popular são transportadas ao cordel também, quando o Rei do Cangaço é associado à valentia de São Jorge, a um chicote de Deus em forma de gente, que muito respeitoso na vida criminoso não travou embates no Ceará de seu padrinho Padre Cícero, em sinal de respeito a seu devotado. Tal evidenciação mostra como Lampião em si é concebido de modo diverso pelo próprio cordelista, que apresenta duas faces de uma mesma pessoa, mas que podem facilmente ser associadas ao nordestino: valente e bravo, devoto e em busca da justiça.

Pachêco (2001), no cordel intitulado “*Chegada de Lampião no Inferno*” relata as andanças do cangaceiro no sobrenatural de frente aos portões do inferno, no qual, se identificando apenas como cangaceiro, é proibido de entrar por não ser o necessário, sendo obrigado a pedir o aval ao próprio dono do local para que entrasse. Sob a prepotência e gravidade usual e já identificada também nas composições de Queiroz, ordena ao porteiro:

Vá depressa e volte já
Eu quero pouca demora
Se não me derem ingresso
Eu viro tudo “asavesso”
Toco fogo e vou embora. (SILVA, 1983).

O comportamento explosivo, impaciente e prepotente é marca de Lampião, sendo reconhecido no excerto acima, assim como em outras representações, quando sua fala o põe diante do diabo e seu exército recrutado para impedir que esse adentrasse os portões. O próprio diabo o impede de entrar por ser esse visto como “um bandido, ladrão da honestidade” (SILVA, 1983) que só viria a desmoralizar o inferno, sendo boa sarna para se coçar que deveria ser evitada (PACHÊCO, 2001). Ademais, concebe-se na construção do folheto a garra e força que recorrentemente associam ao povo nordestino: em batalha com o exército de negros do inferno, em mais de uma hora de batalha sozinho, não foi sequer atingido ou vencido, causando prejuízo àquele que não o quis receber. A força está implícita nos curtos versos que o colocam como invencível mesmo quando diante de força tão maior que a sua.

No último cordel a que detém-se análise, “*A história completa de Lampião e Maria Bonita*” (SILVA; VIANA, 2001), mais uma vez a recorrida história de Lampião e seu surgimento mediante o espaço que o rodeava, são contadas associando-o como fruto próprio de um moderno sistema feudal e injusto, expresso nos coronéis e seu poderio a qual Lampião se revoltou (SILVA; VIANA, 2001). Sua vida é narrada na normalidade antecedente ao cangaço: filho, trabalhador sertanejo da propriedade do pai, que em meio a disputas variadas empreendidas entre sua família e outras, se vê permeado por um plano de vingança devido à morte injusta do pai:

A minha vida é só ódio
Serei um frio assassino
Não há mais o que perder
Vou matar até morrer
Já escolhi meu destino. (SILVA; VIANA, 2001)

As imagens concebidas nos cordéis aqui evidenciados se encontram em muitos sentidos, o que faz compreender que a certo modo a figura – mesmo em sua ambiguidade -, apresenta características comuns tomadas por esses escritos, eternizando-as de modos diversos, mas uno. Como ressaltado por Silva e Patroclo, “é preciso salientar que estes folhetos são representações de uma realidade histórica que percorreram o sertão e que ganham novas imagens e elementos por onde passam.” (SILVA; PATROCLO, 2013, p. 135), o que denota que o cangaceiro pode ser concebido de modo diverso a cada localidade, que adiciona ou retira elementos dessa, mas se faz encontrar em dados aspectos.

Com as novas possibilidades historiográficas, “a Literatura de Cordel se firma como um importante objeto de análise histórica, pois dialoga com a visão histórica produzida por parte dos cidadãos brasileiros e que nem sempre está presente nos relatos oficiais” (SILVA; PATROCLO, 2013, p. 128). Relação semelhante se despende entre a Literatura e Literatura popular, em que ambas exigem cuidados minuciosos e atentos para que o seu entorno não seja transportado ao texto, carregando-o de discursos e ideias que não competem a totalidade da realidade, e acabe por influir negativamente sobre o discurso. Desse modo, as observações aqui elencadas corroboram para a construção e confirmação da dubiedade da figura de Lampião, inclusive entre a população sertaneja, ponderando sobre nem toda figura ser boa ou má, o que a faz ser apenas ela, e no nosso caso, apenas Lampião.

A pretensão inicial de comparação de discursos expressos no texto de Queiroz (1953; 2015), Pachêco (2001), Silva (1983), Viana e Silva (2001) concebe que ponderações similares são expressas sobre a figura de Lampião. Apesar de o foco de composição e observação serem variados, mesmas atribuições lhe são dadas. Isso se dá pelo distanciamento dos autores do personagem e sua atuação, mas se completam no sentido de oferecer mesma construção a eternizando pelo versar e prosa de Queiroz, completos pela fala popular que o mantém vivo ainda no imaginário popular cativado pela valentia, honradez e força do nordestino mais famoso.

Todas as obras escolhidas para investigações mais aprofundadas sobre a composição de Lampião o compõem como esperado e concebido pelo senso comum que cerca sua imagem. Cangaceiro, vingativo, violento, mas ao mesmo tempo temente a Deus, devotado e justiceiro mediante o espaço violento que o cerca. Subentende-se Lampião como fruto de seu espaço em vida e em representações pós-morte. Isto posto, esse foi em vida cangaceiro feroz e vingador devido ao meio violento e perseguições que sofria, não lhe cabendo muitas opções. Já em morte, foi representado com valentia e violência singular ao liderar um grupo herdado em roubos, saques, atos violentos, entre outros, mas também como respeitoso e nem sempre cruel. A figura de Virgulino Ferreira, eternizada em Lampião, ressoa ainda pela Caatinga brasileira e pelas páginas que se dedicam à sua composição, formando sua imagem dúbia em uma só: a do cangaceiro eterno em nome, ação e valentia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lampião foi elemento vivo e atuante no sertão da Caatinga nordestina há 80 anos. Desde quando entrou para o cangaço aos 17 anos, até sua morte em emboscada armada pelas incansáveis volantes que o perseguiam há anos, imperou de modo errante. Perambulando e

atuando por toda a área em busca de justiça e pouso incerto, recrutou muitos homens, lutou bravamente, defendeu ideias e há quem o diga como enriquecido pelo cangaço. Hoje é figura histórica presente nos livros, no cinema e na história ensinada na escola. Como não poderia deixar de ser diferente, se ressoou em vida pelos seus atos e valentia, hoje esses são eternizados pelas múltiplas representações dedicadas em homenagem e estudo póstumo do Rei do Cangaço e seus feitos.

Presença tão próxima no tempo e do imaginário popular Lampião é múltiplo também em interpretações e significações de sua figura, o que o garante o feitio de bandido e de herói ao mesmo tempo. As representações aqui, expressas em análise histórico-literária, remetem a formulações diversas dedicadas a esse no que concerne o foco de construção histórico, cultural e social. Se Rachel de Queiroz remonta a um olhar mais elitizado em consonância com o meio social e cultural do qual provém, os cordelistas compõem, a partir de meios opostos que se caracterizam por ser menos arbitrários, diversos e que constroem a figura narrada como lhes parece mais correto e coerente, mediante a informação que detém e lhes chega.

O Cangaceiro de Queiroz é próximo do que se compõe pelos cordelistas. Em consonância à seca e aridez, como o nordeste que o faz ser violento, agressivo, assassino da injustiça, sendo recriado pelas linhas gerais da Literatura. O que muda é como cada um o vê diante dos adjetivos atribuídos. Queiroz vê os adjetivos e os traz como verdade talvez julgadora desses, enquanto o cordelista, que manifesta a voz sertaneja, o vê como herói calejado, de um povo também sofrido, concebendo em sua ação algo similar ao que se manifesta na justiça legal, com a diferença de que esse lhes é um justiceiro do povo agindo para o povo.

O imaginário popular do cordel coloca Lampião em diversos papéis, narrando sua vida antes, durante e depois do cangaço, inclusive seu pós-morte é cantado como homenagem, modo de eternizar sua figura e gratidão de um povo. Não obstante, concebe-se que um valor linear a ele não é estabelecido no cordel ou no teatro. São concebidas informações encontradas sobre personalidade e ação, as quais remetem a verdade em que esses se embasaram, uma vez que a já mencionada vaidade de Lampião conjugou-se a falas variadas, concebendo mutuamente sua imagem, que até hoje é usada e facilmente associada. A ambiguidade de sua figura se constrói inclusive nas escritas a ele dedicadas, perpetuando-se no tempo por meio dessas.

O Cordel estritamente ligado à população em geral do nordeste, é expresso como um tributo à memória, o que explica os muitos casos de folhetos que relatam o cangaço em páginas e representações a partir da realidade do cordelista, não sendo, portanto, um retrato totalmente real, mas uma ótica dessa. Fato similar acontece com a Literatura, que por suas linhas e observações, eterniza um personagem, e mais que isso, constrói um documento ao estudo histórico-social. Isto posto, a breve discussão aqui proposta por meio da análise de concepções expressas na Literatura Popular, expressa pelos cordéis substancialmente, e a Literatura acadêmica de Rachel de Queiroz, buscou conceber as muitas representações de Lampião e como essas são encontradas em diversos momentos, sobre significações similares, que mostram dois olhares sobre uma mesma figura que acabam por se encontrar na mesma: Lampião.

EPOPEE AND VERSE, ACT AND SPEECH: REPRESENTATIONS OF THE KING OF CANGAÇO

ABSTRACT

A name commonly associated with the Brazilian *cangaço*, Virgulino Ferreira da Silva, the famous and feared Lampião, is one of the most dubious figures in Brazilian History. He is associated with the blood thirsty villain, but also conceived as the hero of the Northeastern people who react to every situation of oppression suffered by the hands of the land-owners and colonels. Thus, this article seeks to recognize and conceive the multiple representations of the emblematic figure of the King of *Cangaço*, and present some of the images associated and constructed about Lampião and his ambiguity in the Northeastern Popular Literature as well as in Raquel de Queiroz's play, "Lampião" (1953), which present some conceptions of the *cangaceiro* figure and his actions in the midst of Caatinga.

KEYWORDS: Social Banditry. *Cangaço*. Cordel Literature. Theatre. Lampião.

REFERÊNCIAS

ABREU, Laine Ribeiro de. Rachel de Queiroz e sua Escrita Sertaneja. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 119 – 125, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3736/3700>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

ALESSIO, Renata Lira dos Santos. A representação social da violência na literatura de cordel sobre cangaço. **Psicologia ciência e profissão**, online, 2004, vol. 24, n.4, p.52 -5 9. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n4/v24n4a07.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

CRUZ, Roberto dos Reis; VEIGA, Benedito José Araújo. Lampião: representações na literatura de cordel em folhetos de Franklin Maxado. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 2165 – 2175, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlftomo_3/185.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2017.

FERRERAS, Norberto O. Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão historiográfica sobre o banditismo social na América Latina. **História, (São Paulo)**, Franca, v. 22, n. 2, p. 211 – 226, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v22n2/a12v22n2.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

FREITAS, Nonato. Casal de ex-cangaceiros de Lampião conta como era a vida no cangaço. **Senatus**, Brasília, v.6, n.1, maio 2008, p. 45 – 49. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/131826>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. Os Folhetos Nordestinos: literatura e história. In: Simpósio Nacional de História, XXVII, 2013, Natal. **Anais ... Natal: ANPUH**, 2013. (Anais Eletrônicos). Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364409434_ARQUIVO_Textocompleto paraenviar.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2017.

MARTINS, Eduardo; SILVA, Suelen Stefanini de Souza; LIRA, Jaqueline Resende. Lampião e o Banditismo Social: uma possibilidade de leitura. In: Encontro da Associação Nacional de

História. Seção mato Grosso do Sul, XII, 2014, Aquidauana. **Anais...** Aquidauana: UFMS/CPAQ, 2014. (Anais Eletrônicos). Disponível em: <http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1412803050_ARQUIVO_ARTIGOBAnditismoSocial.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MENEZES, Aldair Smith. “Os Desvalidos”: imagens do sertão nordestino. In: Simpósio Nacional de História, XXV, 2009, Fortaleza. **Anais ...** Fortaleza: ANPUH, 2009. (Anais Eletrônicos). Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/?p=16649>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. A Literatura de Cordel no Ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, n. XXIII, 2005, Londrina. **Anais ...** Londrina: ANPUH, 2005. (Anais Eletrônicos). Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0477.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

PACHÊCO, JOSÉ. A Chegada de Lampião no Inferno. Maceió: ABLC, 2017. **Folheto**. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/a-chegada-de-lampiao-no-inferno/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres. Permanência e Ressonância de Vozes em A Chegada de Lampião no Inferno. **Boitatá**, Londrina, n. 19, p. 112-132, jan. – jun. de 2015. Disponível em: <<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/site/arquivos/revistas/1/Artigo%207%20Marcos%20Paulo.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

PORTIER, Robsom William. O cangaço em verso: cangaceiros, violência, valentia e honra nas representações do espaço sertanejo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, n. XXVI, 2011, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: ANPUH, 2011. (Anais Eletrônicos). Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300679557_ARQUIVO_ARTIGOANP HUNACIONAL.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

PRIMO, Virginia; HACKMAYER, Monica; GOMES, Karolina. Lampião, Virgulino e o Mito. **Ecletico**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 15 – 19, jul. – dez. 2007. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/4%20-%20lampiao,%20virgulino%20e%20o%20mito.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. A História de Três Chefes do Cangaço. In: _____. **História do Cangaço**, 2ª ed. São Paulo: Global, 1986. p. 41 - 58.

QUEIROZ, Rachel de. Lampião. In: _____. **Lampião e A Beata Maria do Egito**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2015. p. 09 – 109.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. Ruminções do Cangaço: indagações sobre um “passado que não quer passar” nordestino. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 7, n. 13, p. 63 – 79, out. 2013 – abr. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3875/3253>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

SILVA, Sabrina Cordeiro Barbosa da; PATROCLO, Luciana Borges. As representações dos cangaceiros Antônio Silvino e Lampião em versos da Literatura de Cordel. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 128 – 144, jan. – abr. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/3228>>. Acesso em: 18 nov.. 2017.

SILVA, Antônio Carlos da; VIANA, Antônio Klevisson. A História Completa de Lampião e Maria Bonita. Fortaleza/CE: Ep. Tupynanquim, 2001. **Folheto**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=64755>>. Acesso em: 22nov. 2017.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. Lampião, o Capitão do Cangaço. Ipu: Queima bucha, 1983. **Folheto**. Disponível em: < <http://www.ablc.com.br/lampiao-o-capitao-do-cangaco/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SOUZA, Suzana Santana de; LIMA, Caroline de Araújo. Cangaceiras em cena: uma análise das Marias na produção cinematográfica e literatura. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVII, 2013, Natal. **Anais ... Natal/: ANPUH, 2013. (Anais Eletrônicos)**. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364596326_ARQUIVO_Cangaceiras_cena_suzana.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2017.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. A Origem da Literatura de Cordel no Brasil. In: _____. **Literatura de Cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. 2008. 44. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília/UniCEUB, Brasília/DF, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1840/2/20513195.pdf>>. Acesso em: 30 nov..2017.

VECHI, Lucas et al. Cangaço: Insurgentes do Nordeste Origens no Século XIX. **Diversitas**, São Paulo, 2015. Disponível em:<[http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Canga%C3%A7o.%20Insurgentes%20do%20Nordeste.%20Origens%20no%20S%C3%A9culo%20XIX%20\(joined\).pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Canga%C3%A7o.%20Insurgentes%20do%20Nordeste.%20Origens%20no%20S%C3%A9culo%20XIX%20(joined).pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2017.